

ADILSON TADEU BASQUEROTE
(Organizador)

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

Atena
Editora
Ano 2023

ADILSON TADEU BASQUEROTE
(Organizador)

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Fernanda Jasinski

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de LisboaProf. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProfª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Gross
 aProfª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências humanas: como impedir que a sociedade seja tragada pela ignorância?

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
C569	<p>Ciências humanas: como impedir que a sociedade seja tragada pela ignorância? / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1264-9 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.649230603</p> <p>1. Ciências humanas. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 101</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A obra: **“Ciências humanas: Como impedir que a sociedade seja tragada pela ignorância?”**, apresenta estudos que se debruçam sobre a compreensão das Ciências Humanas em suas variadas dimensões tendo a o entendimento social como eixo norteador das reflexões. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades que possibilitam olhares interdisciplinares sobre a sociedade e possibilitam vislumbrar as tendências e compreender grupos e comportamentos, observar as mudanças históricas da vida em sociedade e projetar que organização social queremos para o futuro.

Partindo desse entendimento, o livro composto por 10 capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, de distintos pesquisadores de diferentes instituições e regiões brasileiras e uma peruana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e as relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises de ações cívicas, simbólicas e de crenças, formação continuada, reflexão estética de Arthur C. Danto, estudo sobre o filme Frida, História, memória e oralidade quilombolas do samba de cumbuca, ensino de história, relações étnico-raciais, invasão biológica e biodiversidade, práticas artísticas no contexto prisional, relações de poder, cultura brasileira, entre outros.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Atena Editora, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

CAPÍTULO 1	1
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO SONO: UM ESTUDO COM PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO	
Amanda Soares Nunes Gilmar Antoniassi Junior Saulo Gonçalves Pereira Hugo Christiano Soares Melo Adilson Tadeu Basquerote	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306031	
CAPÍTULO 2	13
DA CONTEMPLAÇÃO AO DEBATE CRÍTICO, A PARTIR DO PENSAMENTO DE ARTHUR C. DANTO	
Rodrigo Mantoan Cavalcante Muniz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306032	
CAPÍTULO 3	21
A FESTA CARNAVALESCA EM SÃO LUÍS E OS BLOCOS TRADICIONAIS	
Euclides Barbosa Moreira Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306033	
CAPÍTULO 4	33
ESTUDO DO FORMANTE CROMÁTICO DO FILME “FRIDA”: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA	
Gabriela de Souza Foganholi Claudia Regina Garcia Vicentini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306034	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE: REMINISCÊNCIAS QUILOMBOLAS DO SAMBA DE CUMBUÇA	
Francisco Helton de Araújo Oliveira Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306035	
CAPÍTULO 6	61
MAYOR PRESUPUESTO NO GENERA CELERIDAD PROCESAL Y PLAZO RAZONABLE EN EL TRIBUNAL CONSTITUCIONAL, PERÚ, 1999-2020	
Javier Pedro Flores Arocutipa Delfin Bermejo Peralta Ruth Daysi Cohaila Quispe Karen Coayla Quispe	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306036	
CAPÍTULO 7	85
METODOLOGIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO E A	

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICOS – RACIAIS

Márcia Ferreira da Costa

Cristiane Maria Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306037>

CAPÍTULO 896

O QUE É INVASÃO BIOLÓGICA E QUAIS IMPACTOS NA BIODIVERSIDADE?
VENHA APRENDER JOGANDO!

Isabela Lombardo Meniz

Maria Tereza Grombone Guaratini

Magda Medhat Pechliye

Vânia Regina Pivello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306038>

CAPÍTULO 9112

PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO CONTEXTO PRISIONAL: UM OLHAR DA
PEDAGOGIA DAS ARTES PARA ALÉM DAS GRADES QUE NOS SEPARAM

Gleice Kely Aparecida da Silva

Verônica Veloso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6492306039>

CAPÍTULO 10..... 124

PRÁTICAS E GOSTOS CULTURAIS NO BRASIL

Carlos Augusto Araújo da Costa

Edison Ricardo Emiliano Bertoncelo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.64923060310>

SOBRE O ORGANIZADOR 134

ÍNDICE REMISSIVO 135

PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO CONTEXTO PRISIONAL: UM OLHAR DA PEDAGOGIA DAS ARTES PARA ALÉM DAS GRADES QUE NOS SEPARAM

Data de aceite: 01/03/2023

Gleice Kely Aparecida da Silva

Nº currículo lattes: 1933431482525266

São Paulo

Verônica Veloso

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo a observação e análise de práticas artístico pedagógicas realizadas em ambientes prisionais com mulheres em situação de privação de liberdade. O recorte temporal da pesquisa se refere a práticas efetuadas entre os anos de 2016 a 2018, quando ainda em módulo presencial, realizadas em duas penitenciárias de dois estados do Brasil: uma em uma penitenciária feminina da cidade de Belo Horizonte com criação e atuação das mulheres da Zula Cia. de Teatro, que inspirou a obra “Banho de Sol” e outra na Penitenciária Feminina da Capital (PFC), em São Paulo, com criação de artistas do Coletivo Teatro Dodecafônico e do Rubro Obsceno, que originou o projeto “Mulheres Possíveis”. Durante os meses de pesquisa foram retomadas e analisadas anotações sobre as leituras e entrevistas realizadas com as artistas dos dois projetos citados e de duas egressas participantes de uma das oficinas, quando estas estavam em

contexto prisional. Esta pesquisa tem um olhar específico voltado para as mulheres, por serem estas as que sofrem as maiores penalidades e estão sujeitas a inúmeras situações de desrespeito e falta de estrutura pelas instituições prisionais, se comparadas a situação dos homens no mesmo contexto. Serão trazidas para a discussão também a questão da arte na contramão da política atual - o conceito de Necropolítica levantado pelo filósofo contemporâneo Achille Mbembe - a importância das práticas artístico pedagógicas em ambientes prisionais, suas provocações e desafios neste contexto e o impacto de tais práticas na rotina cotidiana dessas mulheres. Por fim, serão analisadas as implicações desses projetos a posteriori - na vida dessas mulheres já em condição de liberdade - sua reinserção na sociedade e as afetações de tais propostas em um contexto mais amplo, englobando a população livre. Ao final do arquivo encontram-se, na íntegra, as entrevistas com as duas arte-educadoras e as duas egressas participantes de um dos projetos.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia das artes, sistema penitenciário, ação artística.

Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo.

Angela Davis

As sociedades, em específico a brasileira, herdou do modo patriarcal, o tratamento machista endereçado às mulheres, um comportamento arraigado e facilmente identificável em muitas situações no dia a dia dessa população. O preconceito, o conceito de inferioridade, de fragilidade e de pureza estão no imaginário e nas ações praticadas tanto no micro - o indivíduo no seu cotidiano, quanto no macro, as pequenas e grandes instituições. No caso das instituições prisionais, o agravamento desses preconceitos gera desigualdade de direitos e privação de preservação à condição feminina, além de um maior índice de rejeição social e familiar.

E a sociedade, a nossa sociedade brasileira acha que porque a pessoa foi presa é porque a pessoa é marginal, que a pessoa não serve pra nada. Não é bem assim! Tem mulheres lá muito inteligentes, fazem muitos trabalhos manuais, só que lá é muito difícil você fazer trabalhos manuais, porque tem que ter autorização, tem que ter visita, então as pessoas que não tem visita que, vai pra lá e é abandonada pela família também - porque a família erra muito em abandonar as pessoas naquele lugar - as pessoas não são nada lá dentro. (Trecho da entrevista com Scheine Rosângela)

Pesquisas e dados apontam as desigualdades sofridas pelas mulheres que cometem crimes tendo na aplicação de suas penas um tempo maior de reclusão se comparado a dos homens que cometeram os mesmos delitos. Há ainda mulheres que sequer foram julgadas e encontram-se esquecidas nas prisões, sem amparo legal por sua condição social. A maioria dessas mulheres, quase 70% do total de encarceradas são pretas e pobres, vivem no sistema do quarto país que mais encarcera e mata mulheres no mundo. Além dessa *expansão da indústria da punição*¹, os direitos dessas mulheres são afetados pela desigualdade de penas.

A situação da mulher não melhora dentro dessas instituições, pelo contrário. A falta de estrutura para receber o público feminino nessas instituições evidencia o descaso do sistema com as especificidades de um corpo feminino. Em muitos desses lugares não há atendimento ginecológico, adequação sanitária - falta absorventes e, em muitos casos, estrutura nos banheiros pela falta de vasos sanitários - além das unidades serem feitas para homens, pois não há recursos para o atendimento às questões próprias do público feminino, tais como falta de atendimento humanitário para as gestantes e puérperas, berçários para as puérperas deixarem seus bebês, salas de emergência para partos e acesso ao telefone que garanta que as encarceradas tenham contato com seus filhos. A violência com que são tratadas essas mulheres quando em condições de maternidade são um agravante. Não sendo suficientes as condições com que são tratadas nesses ambientes, elas estão

¹ Termo usado pela atriz e advogada Dina Alves em seu artigo Mulheres negras: as mais vigiadas, punidas e mal pagas pelo Sesc. Disponível em: <https://www.secsop.org.br/mulheres-negras-as-mais-vigiadas-punidas-e-mal-pagas/>

sujeitas ao preconceito da sociedade que não concebe à mulher o erro dentro do núcleo social, ao abandono da família por rejeição, falta de recursos financeiros e/ou vergonha. A falta dos filhos que ficam sob a tutela dos parentes ou mesmo do estado, quando em caso de perda de guarda, afeta o emocional dessas pessoas que também são privadas de um acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico dentro das prisões².

Pensando sobre todas as circunstâncias que envolvem o aprisionamento de muitas dessas mulheres, houve um movimento de trazer mais para perto essa discussão da mulher em estado de cárcere e da importância de ações artístico-pedagógicas dentro desses espaços de hostilidade e embate aos direitos essenciais garantidos pelo artigo 205 da Constituição Federal de 1988. Devido à obrigatoriedade do distanciamento social causado pela pandemia da Covid-19, não foi possível um encontro físico com as realizadoras e as participantes dos projetos analisados. No entanto, pelas entrevistas e conversas telefônicas pode-se perceber a importância dessas pessoas na vida das egressas e do carinho que estas sentem pelo apoio e acolhida que tiveram em momentos difíceis enquanto em estado de cárcere. As artistas Talita Braga, da Zula Cia de Teatro, Letícia Olivares, do Coletivo Rubro Obsceno e as egressas Scheine Rosângela Ferreira e Miriam Baião, participantes das oficinas do projeto “Mulheres Possíveis”, aceitaram conceder entrevistas para a presente pesquisa como um momento de compartilhamento das experiências e de reforço à importância do que viveram, para que ações parecidas e o direito à educação possam chegar a mais mulheres. Como afirma Talita Braga, trata-se de uma maneira de “lançar um olhar humano para essas mulheres e entender que a humanidade e que a vida tem muitos pontos de vista”.

Ao adentrarem os complexos penitenciários, as artistas contam com o que se depararam: mulheres. Mulheres como quaisquer outras, mas com um histórico de faltas, privações de direitos, abandonos e sucessivas violências ao longo da vida e que, ao serem presas, envelopadas em um discurso de ordem e cumprimento de regras da instituição. Os privilégios de mulheres brancas de classe média foram frisados por Talita e Letícia, as artistas entrevistadas condutoras dos projetos, como uma diferença que aumenta o grau de desigualdade entre estas e as mulheres em privação de liberdade.

E a nossa vida continua, a gente sai dali e vai comer pastel, vai para a homeopatia, vai procurar uma terapia, vai chegar em casa e seu marido fez uma comida gostosa e você acabou de ouvir que o marido da outra matou o filho dela de 5 meses e ela está pagando por esse crime. Então é um abismo imenso e a gente sai de lá com a sensação de que o que a gente tá fazendo ali dentro é nada perto do que precisa mudar dentro desse sistema. É nada!
(Trecho da entrevista com Talita Braga)

Como citado anteriormente, é um dado revelador e incontestável sobre o racismo, a discriminação e a diferença de tratamentos que as mulheres pretas e pobres vivem ao

2 Há mulheres que necessitam de tratamentos contínuos e sofrem pela falta de medicamentos, o que agrava as crises e o quadro clínico de suas doenças psicológicas.

longo de toda a sua vida.

Olhando para as mulheres encarceradas, traçando um paralelo com aquelas que estão em liberdade, notamos que: “a diferença enorme é a sucessão de violências em que elas são expostas, a desigualdade social, o racismo estrutural e o machismo”³. Quando se encontram, são pessoas querendo ajudar e mulheres curiosas com vontade de que os caminhos sejam diferentes a partir dali. Cada exercício proposto é uma maneira de apoiar, passar direcionamento e compartilhar experiências que fazem daquele espaço algo além de muros que oprimem. Os dois projetos aqui analisados diferem na sua maneira de condução e na forma como foram recebidos pelas instituições, mas convergem na vontade do diálogo, da escuta e do cuidado com corpos semelhantes, por meio daquilo que elas sabem fazer: arte. No “jogo do olhar” proposto pelas artistas do “Mulheres Possíveis”, por exemplo, o estranhamento de ter outra mulher olhando dentro de seus olhos e vendo uma pessoa para além do “invólucro da mulher presa” imposta pela sociedade é um movimento de trazer à memória a mulher que aquela pessoa que está presa realmente é. Tal gesto evoca seus sentimentos, sua liberdade em poder olhar para os olhos de outra pessoa sem represálias e não somente ter seu olhar condicionado para o chão, como é imposto pelas regras locais. O tempo, que cronologicamente dura de 5 a 10 minutos de exercício, é desafiador na medida em que tem alguém em pé olhando de verdade para outra pessoa. No entanto, o motivo desse embate de corpos é outro, mais do que a relação entre duas pessoas, “tem um espaço de vontade de expressão, de reconhecimento mesmo, de ser vista, de dizer “eu existo” que é muito forte”.⁴ Há uma troca de diálogos mudos, de sentimentos que constantemente são apagados dentro desses lugares.

Nesse mesmo projeto, quando trazem uma mala com 80 roupas para que essas mulheres possam se trocar e tirar o uniforme que as padronizam, trazem também a lembrança da individualidade de cada uma, do gosto, do estilo, da escolha. Essa questão da escolha é muito forte no teatro, pois a partir dela você toma decisões que mudam todo o sentido de uma vida. Então, quando esses exercícios são trazidos para dentro desses complexos, não é para se fazer desfile de moda, é para trabalhar questões muito mais profundas, identitárias, íntimas, que reverberam em cada decisão na vida dessas pessoas. “Cada uma escolhia a roupa que acha que combinasse com ela, né, e a gente colocou as roupas e a gente dançava, às vezes fazia paradas assim, de estátua, sem mover. Assim desse gênero e eu amava muito fazer artes.”⁵ Esse tipo de atividade vai na contramão da política de apagamento do sujeito que existe nas instituições punitivas do país. O foco dessas instituições não está na ressocialização dessas pessoas, mas na punição. O rememoramento dos erros e o olhar sempre para o passado impedem que a pessoa que cometeu um crime possa enxergar outras possibilidades de vida fora das prisões e que ela

3 Trecho da entrevista com Talita Braga

4 Trecho da entrevista com Letícia Olivares.

5 Trecho da entrevista com Miriam Baião.

tenha autonomia para enfrentar circunstâncias que podem levá-la de volta ao crime.

Os gestos cotidianos sendo trabalhados com exercícios de teatro - como os de contato físico - trazem também o sentimento de existência para além dos muros da penitenciária. Quando se propõe uma roda de conversa, de massagens ou de abraços, é trazido à memória do corpo que aquele ser humano é feito de afetos. A prerrogativa de que essas pessoas precisam sempre estar isoladas de qualquer outro, ou de um mínimo contato poder gerar conflitos cai por terra quando se tem quem possa dar e receber um abraço, uma palavra, um consolo. Por conta dessas questões tão fortes que foram levadas pelos projetos, o toque, o encontro, as lembranças e a conversa de como era a vida dessas pessoas antes do cárcere, essas pessoas voltam a ver suas vidas para além dos erros que cometeram. Talita Braga conta sobre um exercício marcante para ela e para uma das mulheres do complexo: uma dessas mulheres não se lembrava de nada de sua vida antes do momento da prisão e, graças aos encontros nas oficinas de teatro, conseguiu recuperar suas lembranças. Com a vivência de exercícios que trabalham a memória como material disparador, essa moça lembrou que ouvia a música “Secretária” do cantor Amado Batista, aos domingos, com sua mãe. Lembrou-se do que ambas comiam e faziam enquanto a música tocava. O resultado dessa experiência virou material de cena para o espetáculo “Banho de Sol”, que resgatou memórias preciosas de uma mulher dos momentos em que sua vida não estava reduzida a um número de registro através do qual passou a ser identificada (o INFOPEN). Esse número caracteriza o erro cometido e reforça o tempo todo um estado de sofrimento e rejeição.

Uma das egressas entrevistadas, Scheine Rosângela, falou da importância das pessoas nesse momento de privação da liberdade, apelando para essa dimensão humana que tanto faz falta nos ambientes prisionais. Miriam Baião também traz isso em seu discurso quando diz: “Eu digo como eu sempre falo, que eu estava passando e de repente uma mão me estendeu e eu entrelacei nessa mão. Eu falo sempre essa fala, que é fazer parte”. A pessoa que está ali presa não é somente um INFOPEN, ela tem um nome, uma identidade. Não são letras juntas formando um som, é uma palavra que foi escolhida para cada pessoa ao nascer e que pode identificá-la para sempre. A importância de fazer o jogo de dizer o seu nome e o nome do outro dentro de um presídio é de uma pequena forma devolver essa identidade, essa vida que segue de maneira violenta, mas que não é resumida a este momento. É não deixar esquecer que há nomes, registros, histórias, lembranças e um futuro. Quando você fala o seu nome em voz alta e quando você diz o nome do outro em voz alta, aquilo ganha forma. O nome tem um som, um significado e dá o sentimento de pertencimento.

É assim: é um sentimento que supera todas as dores e impulsiona a gente na vida. Eu aprendi muito e eu me sentia muito só, porque eu sou uma pessoa muito difícil de me enturmar. Desde criança eu sempre fui muito reservada, então era muito difícil de eu me enturmar. Então essa oficina fez eu me enturmar mais com as meninas, conversar mais, sabe? Me sentir melhor lá

dentro, porque antes de participar, eu me sentia muito reservada, eu não gostava muito de conversar, não sei se é porque eu não tinha assunto. Quer dizer, assunto eu tenho, porque eu sempre li muito, eu sempre gostei muito de estudar, eu estudei lá na PFC, completei meu segundo grau. (Trecho da entrevista com Scheine Rosângela)

Quando o jogo “Oprimido e opressor”, referente ao *Teatro do Oprimido* de Augusto Boal é experimentado, uma outra maneira de viver e de se relacionar é apresentada. Nele, essas mulheres têm a possibilidade de parar para pensar sobre a situação que elas estão vivendo naquele momento, sobre o que estão presenciando, sobre tudo o que acontece no dia a dia e nas diferentes maneiras de reagir à opressão, ao castigo e ao abuso de poder, além de serem convidadas a analisar o contexto, refletir sobre os rumos que aquela situação pode levar e ter consciência de que as ações podem ser múltiplas e não necessariamente só de violência. O jogo as encoraja a buscar novas possibilidades de encarar tais situações dentro deste mundo violento, caracterizado pela sucessão de violências e faltas. E assim, com o convívio, os jogos e as práticas artísticas, vão trazendo de volta a essas mulheres os gostos, os desejos, os sonhos, as alegrias e a esperança de uma vida fora dos muros da penitenciária. Esse é um dos maiores objetivos das educadoras com essas oficinas. Deixando um pouco de lado essa ideia de uma arte relacionada a apresentações em cima dos palcos, elas vão “saindo” de cena para dar espaço a outras mulheres que a sociedade não quer ouvir. Mulheres que carregam o título de criminosas viram um problema a ser colocado à margem em lugares fechados, longe do convívio dos demais, geralmente em cidades do interior. Assim, não têm que lidar com o problema da criminalidade crescente que vem acompanhado de um pacote contendo racismo, machismo estrutural e desigualdade.

A gente tem muitos preconceitos, a gente não faz ideia do que está atrás daquele muro e a gente fantasia muito, fantasia com os nossos preconceitos; fantasia por causa do racismo estrutural; fantasia por causa de filme que a gente vê e foi muito chocante para nós o primeiro dia, porque a gente encontrou mulheres muito abertas; com muita vontade de fazer teatro (Trecho da entrevista com Talita Braga)

A ARTE NA CONTRAMÃO DA NECROPOLÍTICA

Em seus estudos, Foucault observa a organização dos poderes e a dominação do governo na gestão da vida, por meio do conceito de Biopolítica. Ou seja, a pessoa que está no poder tem o direito sobre a vida e a morte, decide quem deixa viver e quem pode morrer. Recentemente, o teórico e filósofo Achille Mbembe desenvolveu o conceito de Necropolítica, segundo o qual legitima a morte de alguns para a segurança de outros. Tal conceito é aplicado na dinâmica das instituições penais, nas quais se nota um paralelo direto com a estrutura da dita sociedade livre. Nas condições insalubres de sobrevivência de muitas das prisões e penitenciárias do país identifica-se a Necropolítica operante, no

abandono dos corpos para a morte, na imposição de severos castigos, na qualidade da alimentação e na falta de tratamento médico. Quando alguém adquire alguma doença é muito fácil perceber, isso decorre das condições sanitárias das celas, ocupadas com um contingente muito maior de pessoas do que suportam. A superlotação das cadeias somada à falta de medicamentos e a má alimentação geram as mais diversas doenças, inclusive doenças de pele.

Além do controle sobre esses corpos no que se refere à saúde, há também o controle do comportamento. Cabeças baixas, olhos sempre fitando os pés, mãos para atrás das costas, fila ao se locomover, corpos direcionados com frequência para a parede. São regras que robotizam o ser humano fazendo-o perder o controle sobre sua própria maneira de estar no mundo. E por fim, há o controle sobre as mentes, reduzindo-os somente ao “sim senhor” e “não senhor”, rememorando a cada oportunidade os erros cometidos por essas pessoas, fazendo-os sempre olhar para o seu passado. Não há chances e nem iniciativas para uma projeção de futuro, de uma vida diferente, de uma real ressocialização dentro da sociedade, de alimentar sonhos e construir projetos. A Necropolítica é o sistema que rege as prisões e instituições penitenciárias, deixando a pessoa que está em privação de liberdade em privação de desenvolvimento, de aprendizado, de afeto, de cuidado, de vida. A lei que vale dentro de muitos desses muros é a lei do castigo, do abandono, do descaso. Esses são os corpos deixados para morrer que a grande parcela da sociedade não quer ter que lidar.⁶

Então elas também sabem os limites daquele lugar e qualquer liberdade é vista como rebeldia, então a gente foi aprendendo a jogar com isso e escutar isso para poder continuar, porque eu acho que se você não fingir que tá com o sistema, você não fica dentro dele, você sai. (Trecho da entrevista com Talita Braga)

É nesse contexto, que a arte faz o caminho contrário e vai de encontro a tudo aquilo que desumaniza uma pessoa. No caso dos dois projetos aqui relatados, as oficinas não aconteceram e foram desenvolvidas “com” mulheres presas, foram desenvolvidas com e para mulheres, com suas individualidades, pensamentos e sua bagagem de vida como qualquer outra mulher. Ali naqueles ambientes das oficinas desenvolvidas pelas quatro educadoras, tanto no projeto realizado na penitenciária de Minas Gerais quanto nos realizados na Penitenciária Feminina da Capital de São Paulo, não se via o erro, via-se a pessoa para além dos atos cometidos. Essa é a função primeira da arte educação realizada em contextos prisionais: trazer para a roda questões que elevem os pensamentos, que trabalhem a comunicação, o encontro, o gesto, o toque, o cuidado, o tratamento, os pensamentos críticos, ou seja, tudo aquilo que o sistema carcerário não quer. “Além de ser um momento onde elas conversam, essa ação traz o movimento do corpo, uma proximidade

⁶ A Penitenciária Feminina da Capital é diferenciada quanto a algumas assistências na área da saúde e as atividades para as mulheres encarceradas. Lá as mulheres têm oficinas, projetos de alfabetização e profissionais especialistas no cuidado com o corpo da mulher.

afetiva umas com as outras através dessa movimentação que a ação gera” (Artista Vânia do Coletivo Dodecafônico citada na fala de Letícia Olivares em entrevista)

Além da relação consigo mesma, as práticas artísticas proporcionadas nessas oficinas trabalham com as mulheres a questão do outro, a percepção da alteridade. Olhar para alguém além de você e do afeto que essa pessoa possa receber de você; olhar o outro e se colocar no lugar dessa pessoa muda sua visão e te faz cultivar um sentimento de empatia. Se colocar no lugar do outro, na pele do outro e receber aquilo que o outro está recebendo é de uma potência que muda a maneira de enxergar o mundo ao seu redor. A importância desses encontros está nas palavras de Miriam Baião, quando relata momentos significativos da sua experiência: “Às vezes era quando a gente fazia rodas ou mesmo, eu não lembro bem o nome, que a gente poderia abraçar, andar, fazer gestos com as mãos”.

Com esse trabalho sendo construído em conjunto houve uma transformação na rotina do dia das mulheres que viviam nesses espaços. A mudança no comportamento e na relação entre detentas foi sendo vista de uma outra maneira, uma condição não mais de corpos em alerta, em situação de embate e sim, pessoas com histórias de vida parecidas, que podiam se apoiar umas nas outras para passar por uma fase comum de suas vidas. As oficinas de artes - não se pode dizer para todas, mas para muitas delas - foi uma surpresa agradável, na qual se descobriram como artistas. Não aquele artista midiático relacionado à fama e às bajulações, nessas mulheres foi germinando a artista que estava ali há muito tempo, mas que não se revelava pelos entraves de uma vida difícil. Toda uma consciência se transformava nos encontros. A hora das atividades nunca foi um momento escapista da realidade. Pelo contrário, foi lidando com a realidade da condição do momento, com todas as camadas por trás da subjetividade de que se constrói um ser humano, que o novo aconteceu: o novo das perspectivas, das maneiras de se comportar, de dialogar, de lidar com situações difíceis, de lidar com a violência, com as colegas, com as escolhas, com elas mesmas. “É maravilhoso, porque a gente descobre um talento que a gente nem sabia que tinha. É muito bom, porque você descobre tanta coisa que você não sabia que você conseguia fazer, que você acaba descobrindo a si mesma”. (Trecho da entrevista com Scheine Rosângela).

E quando a mudança acontece em um meio, o entorno se transforma. A maneira de funcionar de uma instituição é estipulada por uma relação vertical - de cima para baixo, de modo que os comportamentos dos agentes de segurança seguem um padrão segundo o qual eles foram treinados e que se repete quase mecanicamente. Quando se tem um perfil generalizado de pessoas em privação de liberdade, pressupõe-se que tais pessoas sejam violentas e indisciplinadas, o que gera automaticamente uma devolutiva pautada na imposição de regras por meio da repressão. É uma característica humana repreender com violência aquilo que não se consegue no diálogo. No caso das prisões, a etapa do diálogo é, na maioria das vezes, suprimida, quase como se fosse inútil recorrer a essa alternativa nesse espaço. Essa lógica carrega em si o sentimento de vingança a essas pessoas pelos

crimes cometidos - fiscalizados em forma de castigos e violência, mesmo quando vem acompanhado de um discurso de ressocialização como legitimação dos comportamentos e decisões tomadas pelas direções das unidades. Quando a arte e a educação conseguem penetrar nessa engrenagem, toda uma dinâmica, também vertical, começa a mudar, só que no sentido contrário.

Então elas receberam com todo o cuidado esse público, tanto que as agentes penitenciárias que estavam de pé atrás, que estavam até de capuz - que só se vê o olho - e com a escopeta na mão, durante a apresentação, no final da apresentação, na hora que teve uma cena que a gente canta "Evidências" - que foi uma das nossas alunas que escolheu cantar e contou a história dela, as agentes penitenciárias começaram a cantar. Com escopeta, começaram a cantar "Evidências" junto com elas e foram baixando a arma e se assentaram para ver até o final. (Trecho da entrevista com Talita Braga)

Desse movimento saem para fora dos muros pessoas que conseguem olhar nos olhos de outra pessoa, que conseguem pensar um outro caminho na vida que não o de mais violência, que procuram ser a melhor versão delas para elas mesmas e sua família. Elas passam a se sentir protagonistas de suas próprias vidas, sentem-se pertencentes e responsáveis pela construção da dinâmica social na qual se inserem. O trecho seguinte, da entrevista realizada com Miriam Baião, demonstra bem isso: "Eu sempre gostei muito de desenhar, mais paisagem. Ali eu comecei a dominar um outro lado que eu não sabia que tinha, que é começar a olhar mais para as pessoas e comecei também a ganhar gosto de fazer caricaturas gráficas a lápis". E aqui ela explicita os efeitos desses projetos em sua vida: "(...) quando você aprende a se controlar, você mesmo se enxergar e aproveitar as oportunidades que lá tiver de projetos, eu acho que você sai uma pessoa grande de lá e foi o que eu fiz. Eu me apeguei muito aos projetos."

E longe de serem tentativas mágicas de salvação, tais iniciativas fazem valer o direito dessas mulheres de terem educação garantida, de terem acesso ao básico para a formação intelectual e física do cidadão. "Isso me fez continuar para poder mostrar para outras mulheres a acreditar mais em si e que elas são capazes de ir (muito mais) além" (Trecho da entrevista com Miriam Baião). Essas práticas educativas e artísticas funcionam como fissuras, exceções, onde deveriam ser regra, revelando o poder de uma sociedade educada para o respeito, a dignidade, o amor e a reciprocidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto neste artigo, pode-se validar a imensa importância das artes na vida de mulheres que são colocadas à margem do convívio social e abaixo de muitos dos problemas sobre os quais nem a sociedade civil, nem as autoridades governamentais, têm interesse em trabalhar. A diferença que a arte, a educação e o cuidado fazem na vida das pessoas pode ressignificar o passado, transformar o presente e construir futuros diferentes

daqueles aos quais uma parcela da sociedade está condenada a seguir. Nos projetos citados, foi possível perceber a preocupação com o indivíduo colocado em primeiro plano, ao invés de suas ações pregressas. Com o foco na pessoa, pode-se esperar e receber ações diferentes. Ou seja, a potência dos atos se concentra na pessoa faz toda diferença, não se trata de focar na ação do passado, em algo que não se tem mais como reverter, mas nos resultados, fruto também da ação dessas pessoas.

Ouvir essas mulheres foi um dos pontos chave para essas considerações. Ouvilas e poder acompanhar um pouco de seus passos já em liberdade foi uma forma de comprovar a potência de tais projetos no seguimento das vidas e das decisões tomadas pelas egressas. Estas, agora artistas, são pessoas que se veem pertencentes, não somente a uma sociedade possível, que as aceita, como também em uma profissão que lhes garante o contato com suas subjetividades.

Em um movimento de escuta e de abertura para conversas, deu-se o espaço que elas dificilmente conseguem por sua condição de egressas. Essas mulheres estão marcadas sempre como egressas de um sistema prisional, a concepção de egressa no imaginário da sociedade vem antes da mulher que conquistou a liberdade. Nessa pesquisa, o importante foi poder registrar a voz dessas mulheres para além de qualquer rótulo e acima de qualquer preconceito. Assim, a boca que fala não é aquela cheia de receios, medos e vergonha; é uma boca livre para declarar sua superação e nova fase da vida.

Como resistência a um sistema punitivo, demonstra-se a necessidade de permitir a criação de pensamentos críticos, de análise de ideias, de debate de opiniões. Pensar é natural e necessário à humanidade. Sabemos que pensar pode ser perigoso, mas impedir que essas pessoas tenham suas próprias ideias e tirar seu direito ao diálogo é muito mais letal para a sociedade. Estimular o exercício de criação e cultivo de ideias pode ser sim perigoso, mas não pensar é ainda mais perigoso, pois quem não pensa não avalia suas ações, nem mede consequências.

Com as afetações e mudanças de tratamento, não é somente o comportamento e as decisões dessas mulheres que mudam, muda-se também toda uma dinâmica da sociedade. Não se pode negar o pertencimento dessas pessoas à sociedade, isto é um erro grave, pois as mudanças pelas quais essas pessoas passam transformam a maneira com que a engrenagem social funcionará, visto que uma população é composta por todos os agentes pertencentes a ela. Ao serem reintegradas na sociedade, mudam-se as relações, o convívio, os encontros, as conversas, as oportunidades.

Os resultados dessa pesquisa foram positivos e esperançosos. Sabe-se que muita coisa ainda se pode fazer, mas notar que a mudança em uma vida altera o destino de toda uma família, toda uma descendência, já é um sinal relevante. Encontrar pessoas que amam a arte e que se veem fazendo parte desse universo fortalece o pensamento de que a arte é verdadeiramente para todas, pertence a todo aquele que dela se preencher e que a educação transforma vidas.

Como intenção maior fica a esperança de que esse tema, essas conversas, ações, ideias, vontades e tudo o que envolve a questão do direito das pessoas em privação de liberdade não pare neste artigo. Que mais pesquisas, mais projetos e mais braços se abram para esse diálogo e que esta seja somente mais uma dentre as fissuras feitas em um muro que um dia poderá deixar de existir.⁷

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bruno Rotta. “Prisão e Desumanidade no Brasil: Uma crítica baseada na história do presente”. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, V. 1, n. 75, p. 43-64, Dez. 2019. Disponível em: <https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/2026>>. Acessado em: 12/07/2021.

ALVES, Dina. “Mulheres negras: as mais vigiadas, punidas e mal pagas”. **Sesc São Paulo**, 10 de Fev. de 2021. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/mulheres-negras-as-mais-vigiadas-punidas-e-mal-pagas/>. Acessado em: 20/05/2021.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BRAGA, Talita. **Banho de Sol**. Belo Horizonte: Editora Javali, 2020.

CONCÍLIO, Vicente. “Teatro e prisão: dentro da cena e da cadeia”. **Sala Preta**, v.5, p. 151- 158, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v5i0p151-158>>. Acessado em: 26/07/2021.

CONCÍLIO, Vicente. **Teatro e Prisão: dilemas da liberdade artística**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2008

CRUZ, Beatriz; OLIVARES, Letícia; XIMENEZ; Sandra; MEDEIROS, Vânia (org.). **Mulheres Possíveis: corpo, gênero e encarceramento**. Conspire Edições, 2019.

DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. Ed. Boitempo. São Paulo. Abril, 2019.

DUBATTI, Jorge. **O teatro dos Mortos**. Edições Sesc; 1ª Edição. Novembro, 2016.

DURANT, José Carlos. “Cultura como Objeto de Políticas Públicas”. **São Paulo em Perspectiva** v.15 n.2 2001. p. 66-72. Disponível em: https://www.scielo.br/fj/spp/a/fHHZxHX7XDrdPYTMypGQ_Rzd/?lang=pt&format=pdf. Acessado em: 10/11/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra; 23ª reimpressão.

GODOI, R. (2019). “A prisão fora e acima da lei”. **Tempo Social - Revistas USP**, v.31, n.3, p.141-160. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/161053>. Acessado em: 28/07/2021.

LUCAS, Ashley e CONCÍLIO, Vicente. “Uma conversa sobre arte e teatro nas prisões”. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v.2, nº 29, p. 145- 156, 2017. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102292017145/7157>>. Acessado em: 01/09/2021.

⁷ As entrevistas, na íntegra, estão em anexo neste artigo.

MARTINS, Valdir Borges. “O ensino da arte nas prisões: Desafios, possibilidades e limites para uma educação humanizadora”. Dissertação de Mestrado: Universidade do Tuiuti do Paraná, 2017.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acessado em: 06/09/2021.

OLIVEIRA, Carolina Bessa Ferreira de. “A educação nas prisões brasileiras: a responsabilidade da universidade pública”. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017.

PELBART, Peter Pál. Vida e Morte em contexto de Dominação Biopolítica. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/textos>. Acessado em: 30/08/2021.

PUPO, MARIA Lúcia e VELOSO, Verônica. “Ação Cultural e Ação Artística: territórios moveáveis”. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. v.10, nº 2, p. 01- 21, Março de 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/96342>> Acessado em: 03/08/2021.

SILVA, M. B. Mulheres e algemas: a relação maternal das mulheres encarceradas à luz das ciências sociais. **Revista do Tribunal Regional Federal da 1ª Região**, v. 32, n. 2, p. 3-21, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://revista.trf1.jus.br/trf1/article/view/135>. Acessado em: 09/08/2021.

SZYMANSKI, Heloisa. **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Ed. Autores Associados; 5ª edição, 2018.

A

Alunos 87, 92, 93, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107

Análise 3, 6, 7, 9, 10, 15, 19, 22, 29, 33, 35, 37, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 100, 103, 105, 107, 108, 112, 121, 124, 132

Aprendizagem 87, 93, 96, 105, 106, 107, 108, 134

Aula 4, 9, 87, 89, 90, 95

Avaliação 1, 3, 11, 12, 99, 109

C

Cidade 22, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 53, 112, 124, 125, 129, 130, 132

Classe 9, 22, 23, 24, 26, 30, 114

Conhecimento 12, 14, 24, 36, 54, 56, 57, 93, 96, 97, 99, 100, 102, 107, 108, 124, 125, 128, 129, 131

Contexto 4, 6, 9, 11, 13, 14, 22, 35, 38, 40, 44, 46, 48, 57, 62, 65, 66, 87, 96, 98, 99, 101, 102, 106, 112, 117, 118, 123

Covid 114, 131

Criança 55, 58, 107, 108, 116

D

Desenvolvimento 1, 6, 9, 10, 21, 27, 34, 35, 85, 89, 93, 99, 106, 107, 118, 134

Deus 108

E

Educação 4, 5, 10, 11, 25, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 108, 109, 110, 114, 118, 120, 121, 123, 134

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 56, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 109, 110, 123, 134

Escola 4, 9, 31, 33, 87, 88, 94, 98, 102, 108, 130

Espaço 5, 19, 25, 26, 30, 48, 52, 55, 57, 59, 88, 101, 102, 107, 115, 117, 119, 121

Estudo 1, 3, 6, 9, 10, 15, 17, 22, 31, 33, 36, 37, 44, 45, 46, 85, 89, 95, 98, 127

F

Fogo 26, 51, 100, 102

Fonte 6, 7, 8, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 52, 125

Formação 4, 16, 22, 31, 33, 49, 56, 57, 58, 59, 87, 88, 93, 94, 95, 100, 107, 120, 124

H

Humano 28, 65, 103, 106, 114, 116, 118, 119

I

Identidade 22, 28, 29, 31, 34, 47, 48, 49, 56, 58, 59, 88, 89, 94, 116

Importância 1, 3, 6, 16, 19, 28, 33, 35, 36, 37, 44, 48, 58, 85, 93, 98, 105, 106, 107, 112, 114, 116, 119, 120

Indígena 28

L

Liberdade 36, 87, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122

Linguagem 21, 36, 40, 46, 85, 93

Lugar 13, 15, 18, 20, 49, 51, 54, 64, 65, 70, 80, 113, 118, 119, 125, 130, 131

M

Metodologia 15, 35, 44, 45, 55, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

O

Organização 24, 27, 36, 55, 59, 117, 125

P

Pandemia 71, 114

Participação 18, 29, 57, 102, 106, 124, 125, 126, 127, 129

Pesquisa 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 15, 16, 19, 33, 34, 35, 36, 45, 47, 52, 55, 56, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 108, 112, 114, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 132, 134

Poder 4, 22, 27, 31, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 74, 94, 98, 107, 115, 116, 117, 118, 120, 121

R

Relações 10, 14, 17, 19, 24, 25, 45, 49, 85, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 101, 102, 105, 121

S

Social 5, 8, 9, 17, 18, 24, 25, 26, 28, 30, 45, 49, 55, 56, 58, 60, 83, 87, 88, 105, 107, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 126, 132

Sociedade 4, 10, 13, 14, 17, 19, 22, 24, 25, 26, 27, 31, 45, 48, 88, 106, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 121

T

Tecnologia 91, 92, 95

Terra 29, 31, 32, 100, 116, 122

Trabalho 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 19, 21, 24, 35, 37, 47, 48, 50, 53, 54, 56,
86, 87, 89, 93, 96, 108, 119, 124, 126, 127, 130, 132

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

 **Atena**
Editora
Ano 2023

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

CIÊNCIAS HUMANAS:

Como impedir que a sociedade
seja tragada pela ignorância

?

